

ANNATODD

AFTER

DEPOIS DA PROMESSA



Tradução

CAROLINA CAIRES COELHO

2019

Copyright © 2014 by Anna Todd

Todos os direitos reservados.

Publicado em Língua Portuguesa por acordo com Gallery Books, um selo da Simon and Schuster, Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL After Ever Happy

CAPA Tamires Cordeiro/ Inspirada no design da capa do Grupo Planeta, Espanha

IMAGEM DE CAPA © Shutterstock

IMAGEM DE MIOLO Departamento de Arte do Grupo Planeta, Espanha

PREPARAÇÃO Alexandre Boide

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Todd, Anna

After : depois da promessa / Anna Todd ; tradução Carolina Caires Coelho. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2015.

Título original: After Ever Happy.

ISBN 978-85-8439-000-7

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-06397

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

1



TESSA

“Não é possível.”

Eu me levanto, mas logo me sento no banco, onde a grama sob meus pés parece tremer sem parar. O parque está se enchendo de gente agora. Famílias com crianças pequenas, carregando balões e presentes, apesar do tempo frio.

“É verdade, o Hardin é filho de Christian”, Kimberly confirma, com seus olhos azul-claros e focados.

“Mas Ken... o Hardin é a cara dele.” Eu me lembro da primeira vez em que vi Ken Scott em uma sorveteria. Soube na hora que ele era o pai de Hardin; os cabelos escuros e a altura me levaram à conclusão fácil.

“Parece? Não consigo ver isso assim tão bem, só a cor do cabelo é a mesma. Hardin tem os mesmos olhos de Christian, a mesma estrutura facial.”

Tem mesmo? Eu me esforço para visualizar os três rostos. Christian tem covinhas como Hardin e os mesmos olhos... mas não faz sentido: o pai de Hardin é Ken Scott — só pode ser. Christian parece ser bem mais jovem que Ken. Sei que eles têm a mesma idade, mas o alcoolismo de Ken pesou em sua aparência. Ele ainda é um homem bonito, mas dá para ver que o álcool o envelheceu.

“Isso é...” Luto para encontrar palavras e para respirar.

Kimberly olha para mim como se pedisse desculpas.

“Eu sei. Queria muito contar para você. Não gostei de guardar esse segredo, mas não era meu papel revelar.” Ela pousa a mão sobre a minha e aperta com delicadeza. “Christian me garantiu que, assim que Trish desse permissão, ele contaria para Hardin.”

“Eu...” Respirei fundo. “É isso o que o Christian está fazendo? Contando para o Hardin *agora mesmo?*” Eu me levanto de novo, e Kimberly afasta a mão. “Preciso encontrá-lo. Ele vai...” Não consigo nem começar a

pensar em como Hardin vai reagir a essa notícia, principalmente depois de ter visto Trish e Christian juntos ontem à noite. Vai ser demais para ele.

“Isso mesmo.” Kim suspira. “Trish não concordou totalmente, mas Christian disse que ela estava por perto, e que as coisas estavam fugindo do controle.”

Ao pegar meu telefone, só consigo pensar que não acredito que Trish escondeu isso de Hardin. Eu a considerava quase uma mãe, e agora tenho a sensação de que nunca a conheci de verdade.

O telefone já está pressionado contra meu rosto, ligando para Hardin, quando Kimberly diz: “Eu falei para Christian que era melhor não separar vocês dois quando contasse para o Hardin, mas Trish recomendou que, se era para fazer isso, que fizesse quando os dois estivessem sozinhos...” Kimberly contrai os lábios e olha ao redor no parque, e então para o céu.

A chamada cai na mensagem de voz de Hardin. Ligo de novo enquanto Kimberly permanece sentada em silêncio, mas a ligação vai para a caixa postal de novo. Guardo o telefone e começo a remexer as mãos. “Pode me levar até ele, Kimberly? Por favor?”

“Sim, claro.” Ela se levanta, chamando Smith.

Ao ver o menininho caminhar na nossa direção com seu jeitinho engraçado, me ocorre que Smith é filho de Christian... e irmão de Hardin. Hardin tem um irmãozinho. E então, eu penso em Landon... o que isso significa para Landon e Hardin? Hardin vai querer manter contato com ele agora que sabe que os dois não têm nenhuma ligação familiar? E Karen, como fica a doce Karen com seus quitutes? Ken — e o homem que tenta tanto compensar a infância terrível de um menino que não é seu filho? Será que *Ken* sabe? Minha cabeça está girando, e preciso ver o Hardin. Preciso mostrar que estou aqui ao lado dele, e que daremos um jeito nisso juntos. Não consigo imaginar como ele se sente agora; deve estar passado.

“O Smith sabe?”, pergunto.

Depois de alguns instantes de silêncio, Kimberly diz:

“Achávamos que ele sabia, pelo modo com que age com Hardin, mas não teria como saber.”

Sinto muito por Kimberly. Ela já tem que lidar com a infidelidade do noivo, e agora isso. Quando Smith se aproxima, ele para e olha para

nós de um modo misterioso, como se soubesse exatamente sobre o que conversávamos. Não que seja possível, mas a maneira como ele parte na frente e vai para o carro sem dizer nada faz com que eu fique na dúvida.

Enquanto dirigimos por Hampstead para encontrar Hardin e seu pai, o pânico em meu peito aumenta e diminui, aumenta e diminui.

2



HARDIN

O barulho da madeira estalando ressoa pelo bar.

“Hardin, para!” A voz de Vance ecoa pelo salão, vinda de algum ponto.

Mais uma batida, seguida pelo som de vidro quebrado. O barulho me agrada, aumentando minha sede por violência. Preciso quebrar coisas, machucar algo, ainda que seja um objeto.

E é isso que faço.

Gritos são ouvidos, interrompendo meu transe. Olho para as mãos e vejo a perna de uma cadeira cara quebrada. Vejo rostos desconhecidos e assustados, buscando um rosto específico: o de Tessa. Ela não está aqui, e, nesse momento de ira, não consigo decidir se isso é bom ou ruim. Ela sentiria medo; ela se preocuparia comigo, entraria em pânico e gritaria meu nome para abafar o berreiro nos meus ouvidos.

Solto a madeira depressa, como se tivesse queimado minha pele. E sinto braços ao redor de meus ombros.

“Tira ele daqui antes que eu chame a polícia!”, diz Mike, falando alto como eu nunca tinha ouvido.

“Me larga, caralho!” Eu me livro de Vance e olho para ele com a ira tomando conta do meu campo de visão.

“Quer ir para a cadeia?”, ele grita, a poucos centímetros de meu rosto.

Quero empurrá-lo e derrubá-lo, esganá-lo...

Mais algumas mulheres gritam, o que interrompe meus pensamentos raivosos. Olho ao redor no bar elegante, notando os pedaços de madeira no chão, a cadeira quebrada, as expressões de horror diante do acontecido. Serão apenas momentos até que o choque dessas pessoas se transforme em raiva por eu ter atrapalhado a dispendiosa busca pela felicidade na qual estão envolvidas.

Christian está do meu lado de novo quando passo pela recepcionista e saio do local.

“Entra no meu carro e explico tudo para você”, ele bufa.

Preocupado com a possibilidade de a polícia aparecer a qualquer momento, faço o que ele diz, mas não sei bem o que sentir nem como agir. Apesar da confissão dele, não consigo entender nada. O absurdo da situação torna tudo muito ridículo.

Eu me ajeito no assento do passageiro enquanto ele assume o volante. “Você não pode ser meu pai, não é possível. Não faz o menor sentido... nada disso.” Olhando para o carro alugado e caro, eu me pergunto se isso quer dizer que Tessa está presa naquele maldito parque onde eu a deixei. “Kimberly está de carro, certo?”

Vance olha para mim sem acreditar. “Sim, claro que sim.” O ronronar baixo do motor fica mais alto enquanto ele entra no trânsito. “Eu lamento que você tenha descoberto desse modo. Tudo parecia estar se ajeitando durante um tempo, mas as coisas começaram a sair dos trilhos.” Ele suspira.

Permaneço em silêncio, sabendo que vou perder o controle se abrir a boca. Aperto as pernas com os dedos; a dor leve me mantém calmo.

“Vou explicar tudo, mas você precisa manter a mente aberta, tudo bem?” Ele olha para mim, e consigo ver a dor em seus olhos.

Não posso me deixar afetar. “Não fala comigo como se eu fosse criança, porra”, retruco.

Vance olha para mim, e então para a rua.

“Você sabe que eu cresci com seu pai, o Ken... somos amigos desde que me entendo por gente.”

“Na verdade, eu *não* sabia disso”, respondo, arregalando os olhos para ele. Em seguida me viro para observar a paisagem do lado de fora. “Não sei nada sobre nada, pelo jeito.”

“Bom, é verdade. Fomos criados quase como irmãos.”

“E aí você comeu a mulher dele?”, pergunto, interrompendo a historinha para boi dormir.

“Olha aqui”, ele quase rosna. Suas mãos estão brancas pela pressão com que segura o volante. “Estou tentando explicar, então, por favor, me deixa falar.” Ele respira fundo para se acalmar. “Respondendo à sua pergunta, não foi nada disso. Sua mãe e Ken começaram a namorar no colégio, quando ela se mudou para Hampstead. Ela era a menina mais linda que eu já tinha visto.”

Sinto o estômago embrulhar ao me lembrar dos dois se beijando.

“Mas o Ken a ganhou logo de cara. Eles passavam todos os dias juntos, o dia todo, como Max e Denise. Nós cinco éramos uma panelinha, digamos assim.” Perdido na lembrança ridícula, ele suspira, e sua voz se torna distante. “Ela era esperta, engraçada e louca pelo seu pai... porra. Não vou conseguir parar de me referir a ele desse jeito...” Tamborila os dedos no volante como se estivesse se preparando para continuar.

“Ken era inteligente — brilhante, na verdade — e quando entrou na universidade com uma bolsa de estudos integral, com admissão antes da data, passou a ficar ocupado. Ocupado demais para ela. Em pouco tempo, nós quatro começamos a andar sem ele, e as coisas entre mim e sua mãe... bem, meus sentimentos cresceram demais, e os dela afloraram.”

Vance faz uma pausa momentânea para trocar de faixa e vira a entrada de ar para ventilar melhor o interior do veículo. O ar ainda está pesado, e minha mente está a mil quando ele volta a falar.

“Eu sempre a amei, ela sabia disso, mas ela era apaixonada por ele, que era meu melhor amigo.” Vance engole em seco. “Conforme os dias e as noites foram passando, nós ficamos mais... íntimos. Não sexualmente ainda, mas começamos a deixar nossos sentimentos rolarem sem freios.”

“Me poupe dos detalhes.” Cerro os punhos no colo, forçando minha boca a se fechar para ele poder terminar.

“Tudo bem, tudo bem.” Ele olha pelo para-brisa. “Bem, uma coisa levou à outra, e estávamos tendo um caso. Ken nem imaginava. Max e Denise estavam desconfiados, mas ninguém dizia nada. Eu implorei para que sua mãe o largasse, porque ele não a tratava direito. Sei que é loucura, mas eu estava apaixonado.”

Ele franze o cenho. “Ela era a única escapatória que eu tinha de meus comportamentos autodestrutivos. Eu gostava do Ken, mas não conseguia ver nada além de meu amor por ela. Nunca consegui ver nada além.” Ele solta o ar com força.

“E...” Pressiono depois de alguns segundos de silêncio.

“Sim... Bom, então, quando ela anunciou que estava grávida, pensei que eles fugiriam juntos e que ela se casaria com ele e não comigo. Prometi que, se ela me escolhesse, eu pararia de fazer besteiras e estaria a seu lado sempre... por você.”

Senti os olhos dele em mim, mas me recusei a olhar dentro deles.

“Sua mãe achava que eu não era estável o suficiente para ela, e eu fiquei parado, mordendo a língua enquanto ela e seu... o Ken... anunciavam que estavam esperando um bebê e que se casariam naquela mesma semana.”

Como assim? Olhei para ele, que estava perdido no passado e só olhava para o trânsito mais à frente.

“Eu queria o melhor para ela, e não poderia arrastá-la na lama e acabar com a reputação dela contando para Ken ou quem quer que fosse sobre o que tinha acontecido entre nós. Eu dizia para mim mesmo que, no fundo, ele sabia que o bebê não era dele. Sua mãe jurou que ele não a tocava fazia meses.” Os ombros de Vance chacoalharam levemente, e um tremor tomou seu corpo. “Compareci ao casamento deles de terno, como padrinho. Eu sabia que ele daria a ela o que eu não podia dar. Eu nem planejava fazer faculdade. A única coisa que fazia da vida era correr atrás de uma mulher casada e memorizar páginas de romances antigos que nunca virariam realidade para mim. Não tinha aspirações para o futuro nem dinheiro, e ela precisava das duas coisas.” Ele suspira, tentando escapar da lembrança.

Ao observá-lo, fico surpreso com o que me ocorre e com o que sinto vontade de dizer. Cerro o punho, mas relaxo, tentando resistir. Cerro o punho de novo, e não reconheço minha voz ao perguntar: “Então, basicamente, minha mãe usou você para se divertir e depois caiu fora porque não tinha dinheiro?”

Vance suspira. “Não. Ela não me usou.” Ele olha na minha direção. “Sei que parece isso, e que a situação é bem maluca, mas ela tinha que pensar em você e no seu futuro. Eu era um fracasso... um lixo completo, sem perspectiva nenhuma na vida.”

“E agora você é milionário”, comento com amargura. Como ele pode defender minha mãe depois de toda essa merda? Qual é o problema dele? Mas então algo vira dentro de mim, e eu penso na minha mãe perdendo dois caras que mais tarde ficaram ricos, enquanto ela rala no emprego e vive em uma casa caindo aos pedaços.

Vance balança a cabeça. “Sim, mas eu não tinha como saber que ia ser bem-sucedido. Ken estava bem encaminhado, eu não. Ponto final.”

“Até ele começar a encher a cara toda noite.” Minha raiva começa a crescer de novo. Tenho a sensação de que nunca me livrarei desse sentimento, pois a pontada de traição dói no meu peito. Passei a infância com um maldito bêbado enquanto Vance vivia a vida boa.

“Foi outro de meus erros”, diz o homem que eu tinha certeza de que conhecia *de verdade*. “Fiz um monte de merdas depois que você nasceu, mas me matriculei na faculdade e continuei amando sua mãe de longe...”

“Até?”

“Até você ter uns cinco anos. Era seu aniversário, e estávamos todos reunidos para a sua festa. Você entrou gritando na cozinha, gritando e chamando seu pai...” A voz de Vance falha, e eu aperto o punho cerrado ainda mais. “Você estava com um livro contra o peito, e por um segundo eu me esqueci de que não estava falando comigo.”

Bato o punho no painel.

“Quero descer”, exijo. Não posso mais ouvir isso. É muito maluco. É coisa demais de uma vez só.

Vance ignora meu acesso de raiva e continua dirigindo por uma rua residencial.

“Perdi o controle naquele dia. Exigi que sua mãe contasse a verdade para Ken. Estava cansado de não participar da sua vida, e naquela época eu já tinha planos de me mudar para os Estados Unidos. Implorei para ela ir comigo, para levar você, meu filho.”

Meu filho.

Sinto meu estômago se revirar. Eu deveria pular para fora do carro, mesmo em movimento. Olho para as casinhas bonitas pelas quais passamos, e só consigo pensar que prefiro mil vezes uma dor física a uma situação como esta.

“Mas ela se recusou e me disse que tinha feito um exame e que... que você não era meu filho.”

“O quê?” Levo as mãos às têmporas. Eu racharia o painel com uma cabeçada se achasse que resolveria alguma coisa.

Olho para ele e o vejo olhando rapidamente para a esquerda e para a direita. Então noto a velocidade em que estamos e percebo que ele está passando por todos os semáforos fechados para não ter que parar e permitir que eu salte do carro. “Acho que ela entrou em pânico. Não sei.”

Ele olha para mim. “Eu sabia que ela estava mentindo — ela admitiu anos depois que não tinha feito exame nenhum. Mas na época, ela foi firme; disse que eu deveria deixá-la em paz e se desculpou por me fazer pensar que você era meu filho.”

Eu me concentro em meu punho. Flexiono, solto, flexiono, solto...

“Mais um ano se passou, e começamos a conversar de novo...”, ele começa, mas algo me parece estranho.

“Ou seja, vocês começaram a *transar* de novo.”

Mais um suspiro escapa de seus lábios.

“Sim... sempre que estávamos perto um do outro, cometíamos o mesmo erro. Ken trabalhava muito, estava fazendo mestrado naquela época, e ela ficava em casa com você, que sempre foi muito parecido comigo. Sempre que eu aparecia, você estava com a cara enfiada nos livros. Não sei se você se lembra, mas eu sempre levava livros nas minhas visitas. Dei para você um exemplar de *O grande Gats...*”

“Para.” Eu me retraio ao ouvir a voz dele enquanto lembranças distorcidas turvam minha mente.

“Continuamos nesse vaivém por anos, achando que ninguém sabia. Foi minha culpa. Eu não consegui deixar de amá-la. Por mais que eu tentasse, ela estava sempre na minha cabeça. Eu me mudei para mais perto da casa de vocês, do outro lado da rua. Seu pai sabia; não sei como ele descobriu, mas estava na cara que sabia.” Depois de uma pausa e ao virar em outra rua, Vance acrescenta: “Então ele começou a beber”.

Eu me inclino no assento, batendo as palmas das mãos no painel. Ele não esboça nenhuma reação. “Então você me deixou com um pai alcoólatra que só virou alcoólatra por causa de você e da minha mãe?” A raiva em minha voz se espalha pelo carro, e mal consigo respirar.

“Eu tentei convencer sua mãe, Hardin. Não quero que você a culpe, mas tentei pedir para que ela levasse você para morar comigo, mas ela não quis.” Ele passa as mãos pelos cabelos, puxando as raízes. “Ele começou a beber mais e mais a cada semana, mas ainda assim ele não admitia que você era meu — nem mesmo para mim —, então fui embora. Eu precisava ir.”

Ele para de falar e, quando me viro para ele, seus olhos estão piscando depressa. Levo a mão à porta, mas ele acelera e aperta os botões

que travam as portas várias vezes seguidas, e o *clique-clique* parece ecoar pelo carro.

A voz dele está rouca quando começa a falar de novo. “Eu me mudei para os Estados Unidos e passei anos sem notícias de sua mãe, até Ken se separar dela. Ela estava sem grana, se matando de trabalhar. Eu já tinha começado a ganhar dinheiro, não tanto quanto agora, mas o suficiente para fazer certos gastos. Voltei para cá e comprei uma casa para nós, para nós três, e cuidei dela na ausência dele, mas ela foi ficando cada vez mais distante. Mesmo depois de Ken dar entrada no divórcio ela não queria nada comigo.” Vance franze o cenho. “Depois de tudo o que fiz, eu ainda não era bom o bastante.”

Eu me lembro de quando ele nos acolheu depois que meu pai foi embora, mas nunca pensei que tivesse alguma coisa por trás disso. Não fazia ideia de que ele tinha uma história com a minha mãe ou que eu podia ser seu filho. A visão já não muito favorável que tenho de minha mãe está totalmente arruinada agora. Perdi todo o respeito por ela.

“Então, quando ela quis voltar para aquela casa, continuei ajudando vocês dois financeiramente, mas voltei para os Estados Unidos. Sua mãe começou a devolver meus cheques todos os meses e não atendia meus telefonemas, então comecei a pensar que tinha conhecido outra pessoa.”

“Ela não conheceu ninguém. Passava todas as horas de todos os dias trabalhando.” Meus anos de adolescência foram solitários em casa; por isso fiz amizade com as pessoas erradas.

“Acho que ela tinha esperança de ele voltar”, Vance diz, depressa, e então para. “Mas isso não aconteceu. Continuou bebendo ano após ano até algo fazer com que ele finalmente percebesse que não podia continuar assim. Passei anos sem falar com Ken até ele entrar em contato comigo quando se mudou para os Estados Unidos. Estava sóbrio, e eu tinha acabado de perder Rose. Rose foi a primeira mulher para quem eu conseguia olhar e não ver o rosto de Trish. Era a mulher mais doce que conheci, e me fez feliz. Eu sabia que nunca amaria ninguém como amei sua mãe, mas estava satisfeito com Rose. Éramos felizes, e eu estava construindo uma vida com ela, mas não tive sorte... e ela acabou doente. Quando teve Smith eu a perdi....”

Eu me assusto ao ouvir isso. “Smith.” Estava ocupado demais para pensar no menino. O que isso quer dizer? *Porra.*

“Vi naquele geniozinho a minha segunda chance de ser um pai. Ele me fez voltar a viver depois que a mãe dele morreu. Sempre pensava em você pequeno; ele é igual a você quando criança, mas com cabelos e olhos mais claros.”

Eu me lembro de Tessa dizendo a mesma coisa quando conhecemos o menino, mas não consigo ver a semelhança. “Isso... isso é loucura”, é só o que consigo dizer. Meu telefone vibra no bolso, mas só olho para minha perna, como se fosse uma sensação-fantasma, e não consigo me mexer para atender.

“Sei que é, e sinto muito. Quando você se mudou para os Estados Unidos, pensei que poderia tê-lo por perto, mesmo sem ser uma figura paternal. Mantive o contato com sua mãe, contratei você para trabalhar na Vance e tentei me aproximar o máximo possível, o máximo que você permitia. Reconstruí minha relação com Ken, mesmo sabendo que sempre vai existir algum nível de hostilidade. Acho que ele ficou com pena de mim depois que perdi minha esposa, e naquela época já tinha mudado muito. Eu só queria ficar perto de você... eu me contentaria com o que conseguisse. Sei que você me odeia agora, mas gosto de saber que consegui ser próximo por um tempo, pelo menos.”

“Você mentiu para mim a vida toda.”

“Eu sei.”

“Assim como a minha mãe e meu... o Ken.”

“Sua mãe ainda está em negação”, Vance diz, mais uma vez inventando uma desculpa para ela. “Não consegue admitir totalmente nem mesmo hoje. E, quanto a Ken, ele sempre desconfiou, mas sua mãe nunca confirmou. Acredito que ele ainda se apegou à pequena chance de você ser filho dele.”

Reviro os olhos ao ouvir o absurdo que ele acabou de dizer.

“Está me dizendo que Ken Scott é burro o suficiente para acreditar que eu sou filho dele depois de todos esses anos com vocês dois transando pelas costas dele?”

“Não.” Ele encosta o carro, põe o câmbio em ponto morto e olha para mim, sério e intenso. “Ken *não* é burro. Ele tem esperança. Ele ama-

va você, e ainda ama, e você é o único motivo por que ele parou de beber e voltou a estudar. Apesar de saber que existia a possibilidade, ele ainda assim fez tudo isso por você. Ele se arrepende de todo o inferno que causou na sua vida e de toda aquela merda que aconteceu com sua mãe.”

Eu me retraio quando as imagens que assombram meus pesadelos aparecem em minha mente. Enquanto revivo o que aqueles soldados bêbados fizeram com ela muitos anos atrás.

“Não fizeram nenhum exame? Como você sabe que é meu pai?” Não consigo acreditar que estou perguntando isso.

“Eu sei. Você também sabe. Todo mundo sempre disse que você se parecia com o Ken, mas sei que é meu sangue que corre nas suas veias. A cronologia da coisa não aponta para ele como seu pai. Não tem como ela ter engravidado dele.”

Eu olho para as árvores do lado de fora, e meu telefone começa a tocar de novo.

“Por que agora? Por que está me dizendo isso agora?”, pergunto, elevando o tom de voz, e minha pouca paciência desaparece de vez.

“Porque sua mãe ficou paranoica. Ken falou comigo duas semanas atrás, pedindo para você fazer um exame de sangue para ajudar Karen, e eu comentei com sua mãe...”

“Exame do quê? O que a Karen tem que ver com isso?”

Vance olha para a minha perna, e então para o próprio celular no meio do console.

“Acho melhor você atender. A Kimberly também está me ligando.”

Mas eu balanço a cabeça, negando. Vou ligar para a Tessa assim que sair deste carro.

“Lamento muito por tudo isso. Não sei em que diabos estava pensando quando fui à casa dela ontem à noite. Ela me ligou, e eu simplesmente... não sei. Vou me casar com a Kimberly. Eu a amo mais do que qualquer coisa, até mais do que amei sua mãe. É um tipo diferente de amor; é recíproco, e ela é tudo para mim. Cometi um enorme erro ao ver sua mãe de novo, e vou passar a vida tentando compensá-lo. Não vou me surpreender se a Kim me deixar.”

Ah, para com essa palhaçada. “Pois é, Senhor Obviedade. Você provavelmente *não deveria* ter tentado comer a minha mãe no balcão da cozinha.”

Ele olha feio para mim. “Ela parecia estar em *pânico*, e disse que queria ter certeza de que o passado tinha ficado para trás antes de se casar, e eu sou famoso por tomar atitudes idiotas.” Ele tamborila os dedos no volante, com a vergonha evidente na voz.

“Eu também”, digo a mim mesmo, e levo a mão à maçaneta.

Ele toca meu braço. “Hardin.”

“*Nem vem.*” Eu livro o braço de seu toque e saio do carro. Preciso de tempo para digerir toda essa merda. Fui bombardeado com muitas respostas a perguntas que nem sequer fiz. Preciso respirar, preciso me acalmar. Preciso sair de perto dele e encontrar minha menina, minha salvação.

“Preciso que você fique longe de mim. Nós dois sabemos disso”, digo quando ele não parte com o carro. Ele olha para mim por um momento, e então assente, deixando-me na rua.

Olho ao redor e vejo uma loja conhecida no meio do quarteirão, o que quer dizer que estou perto da casa da minha mãe. O sangue lateja atrás de minhas orelhas quando enfio a mão no bolso para pegar o telefone. Preciso ouvir a voz dela. Preciso que ela me traga de volta à realidade.

Enquanto observo o prédio, esperando que ela atenda, meus demônios lutam dentro de mim, me puxam para dentro da confortável escuridão. O puxão é mais forte e mais intenso a cada toque não atendido, e logo percebo que meus pés me levam para o outro lado da rua.

Enfiando o celular de novo no bolso, abro a porta e entro num cenário familiar de meu passado.